

Do conhecimento ao conhecimento: notas sobre comunicação e vínculos¹

Potiguara Mendes da Silveira Jr.²

http://projeto.unisinos.br/midiaticom/conteudo/artigos/2009/Seminario_sl_Procad_2009.pdf
(p. 71-78)

Resumo: Seguindo a hipótese “a teoria da comunicação depende de uma teoria geral dos vínculos”, estudo de noções e conceitos da Gnômica, teoria do conhecimento da Nova Psicanálise que parte do próprio conhecimento para pensar o conhecimento, e considera qualquer formação como conhecimento. Pensa-se a produção do conhecimento segundo as idéias de *Formações do Haver* e de *Transa das Formações*, cuja resultante é o que podemos chamar de conhecimento. Comunicação, segundo este percurso, implica entender *tudo que há* (o Haver) como uma imensa rede de emergências, na qual se constituem pólos (com uma região focal e uma infinita região franjal), e ocorrem transações e transposições entre formações independentemente das focalizações e recortes discursivamente produzidos.

Palavras-chave: teorias da comunicação; nova psicanálise; epistemologia

1. Comunicação e psicanálise

A hipótese inicial é: a teoria da comunicação depende de uma teoria geral dos vínculos para lastrear a efetividade de suas operações. Para desenvolvê-la, a presente pesquisa³ tem recorrido à Nova Psicanálise⁴, que, nos anos 1980, amplia o conceito freudiano de “pulsão de morte” para tudo que há e o coloca em consonância com a difusão planetária das tecnologias informacionais – daí seu interesse para o campo de estudos da comunicação.

O conceito de Pulsão é então apresentado conforme a uma Lei que passa a reger

¹ Produzido para o Projeto “Crítica Epistemológica: Análise de investigações em curso, com base em critérios epistemológicos, para desenvolvimentos reflexivos e praxiológicos na pesquisa em Comunicação” (Procad / Capes, 2008: PPGCOMs da Unisinos, UFJF e UFG). Este capítulo foi apresentado em Seminário do projeto realizado na Unisinos/RS em maio 2009, retoma e dá seqüência às questões expostas no texto (Silveira Jr., 2008), apresentado no 1º. Colóquio “Comunicação e conhecimento”, realizado em 06 novembro 2008 como parte do VI Encontro Regional de Comunicação da UFJF/MG.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação/ UFJF. Psicanalista (NovaMente/RJ). potiguaramsjr@uol.com.br

³ Inserida no projeto “A transformação dos vínculos”, iniciado em 2006, após o término da pesquisa “Artificialismo total: comunicação e psicanálise”, que resultou em tese de pós-doutoramento apresentada em 2005 ao Centro de Estudos da Comunicação e Linguagens / UNL, sob a orientação de José A. Bragança de Miranda. Cf. Silveira Jr., 2006.

⁴ Reformatação da psicanálise realizada por MD Magno (1938-) ao longo dos anos 1970-90 na Escola de Comunicação / UFRJ. Inicialmente, chamou-se Nova Psicanálise e, posteriormente, em 1998, NovaMente. Desde então continua sendo aperfeiçoada, divulgada (mediante a publicação regular da obra de Magno e a realização de seus Falatórios) e interessando pesquisadores, com dissertações e teses que a aplicam a várias áreas (comunicação, psicologia, filosofia, arquitetura e literatura). Cf.: novamente.org.br

o aparelho teórico da psicanálise: tudo que há deseja não haver. Dito de modo formular: “Haver deseja não-Haver”, (A→Ã) (Magno [1986]: 61-75)⁵. O deslocamento promovido pela Lei assim formulada dá condições de tomar tudo que há, o *Haver*⁶ (outro conceito importante), segundo uma direção pulsional referida a uma experiência absoluta que é traumática, inarredável e irredutível para tudo e todos: só há desejo de não haver, e não de haver. Trata-se do conceito puro e simples de *Pulsão* como *força constante e silenciosa que se aplica no sentido de sua própria e total extinção*. É uma concepção que acelera heuristicamente a consonância, já presente em Freud, com a segunda lei da termodinâmica (permanente crescimento da entropia), e estende o alcance da pulsão para além do psiquismo.

O movimento pulsional não se exprime claramente – daí uma das declaradas dificuldades de Freud em demonstrá-lo –, mas sua vigência pode ser inferida da *resistência* a ele. Resistência esta que é uma notável característica do Haver, sobretudo do que nele se arrola como vida, como *biós* (filosófico ou biológico). Resistência que também é a característica ineliminável do conceito de *Formação*⁷, que, como veremos, se generaliza para o Haver: *tudo que há são formações*.

Acrescente-se que o movimento da pulsão, ao atingir o ponto máximo da aproximação de seu desejo (não-Haver), depara-se com a impossibilidade de realizá-lo, pois, como diz o nome, ele não há. Coloca-se, assim, para o humano uma verdadeira *condenação*: existir numa imanência que não cessa de requerer uma transcendência sem transcendente, em puro vazio. Além disso, no ponto máximo de exasperação que o movimento pode atingir, inevitavelmente ocorre uma neutralização das oposições que são inerentes às *Formações do Haver*⁸ e seu consequente avessamento, só restando ao movimento recompor-se de novo em função da impossibilidade definitiva de

⁵ As citações das obras de Magno, a seguir, serão indicadas apenas com datas entre colchetes, referentes aos anos em que foram publicamente apresentadas em seminários e palestras.

⁶ Haver (A): conjunto aberto de tudo que há e que pode vir a haver. Inclui o chamado Universo.

⁷ Para um aprofundamento do conceito, cf. (Medeiros, 2008: 4): “Por *formação* entende-se toda e qualquer forma, ordenação, articulação ou estrutura que há, das partículas e anti-partículas a uma ordenação simbólica (humana) qualquer, do código genético e dos ecossistemas vivos a todo tipo de técnica, língua, conhecimento ou arte. Ou ainda, toda e qualquer forma comparecente como matéria, vida ou artefato, para usar os termos das teorias da complexidade e da auto-organização...”

⁸ Expressão designativa de que tudo no Haver comparece como formação (o que quer que se forme: pedras, ar, pensamentos, etc.), inclusive as formações ditas psíquicas. Qualquer formação do Haver se movimenta no empuxo da Lei, como ressonância ou metáfora da impossibilidade última de Haver (A) passar a não-Haver (Ã). Cf. nota acima

apagamento absoluto que aí ocorre e que, de algum modo, marca-se como experiência em seu percurso.

Não se trata de superação, dialética ou outra, e sim da *suspensão*, ainda que por um átimo, do caráter opositivo das formações que pressionam umas as outras em sua agonística dentro do Haver (entre as quais, a formação chamada humana). Suspensão esta produzida num processo de *indiferenciação*⁹ dos sentidos de seus pólos (cf. a marcação +/- no desenho abaixo) e constituinte da operação chamada *Revirão*¹⁰ para designar a permanente passagem, em continuidade, de um pólo a outro, que é o que possibilita a criação (não de sínteses, mas) das *próteses*¹¹ que têm caracterizado nosso modo de existir.

A suposição é de que podemos ter aí a indicação de um sentido mais abstrato para a definição dos vínculos, humanos ou não, e das intencionalidades adscritas a eles. Indicação também da possibilidade de retirar a metodologia de análise dos acontecimentos da nodulação conceitual do ser, da verdade e do sujeito¹², que tem norteado a maioria das abordagens dos estudos da comunicação. Estas são abordagens devedoras de práticas *interpretativas* de linhagem filosófica, as quais, por mais refinadas que sejam, não têm se mostrado capazes de escapar de uma finalidade vitalista tida como fundamental, verdadeira, saudável e objetivável como normal ou mesmo co-natural. Tomar o pulsional como base implica uma consideração descritiva, propositiva, e não hermenêutica dos acontecimentos. Isto se justifica, entre outras coisas, pelo fato de a atual transfusão informacional evidenciar a todo instante que, no fim das contas, qualquer interpretação não passa de ser mais uma entre outras possíveis, e seu valor sempre dependerá de conjunturas circunscritas às forças hegemônicas das situações.

⁹ Trata-se aí do processo de in-diferenciação que ocorre no ponto neutro do Revirão (cf. desenho, a seguir no texto), cujo resultado é as diferenças (não se eliminarem, mas) se equivalerem e se disponibilizarem a uma *hiperdeterminação*. O que *hiperdetermina* tudo que há, o Haver, em seu movimento de estados e modalizações é sua Causa (não-Haver), que lhe é tão exterior que nem há, mas que nele se inscreve de algum modo e se reinscreve na espécie humana.

¹⁰ Conceito introduzido em Magno [1982].

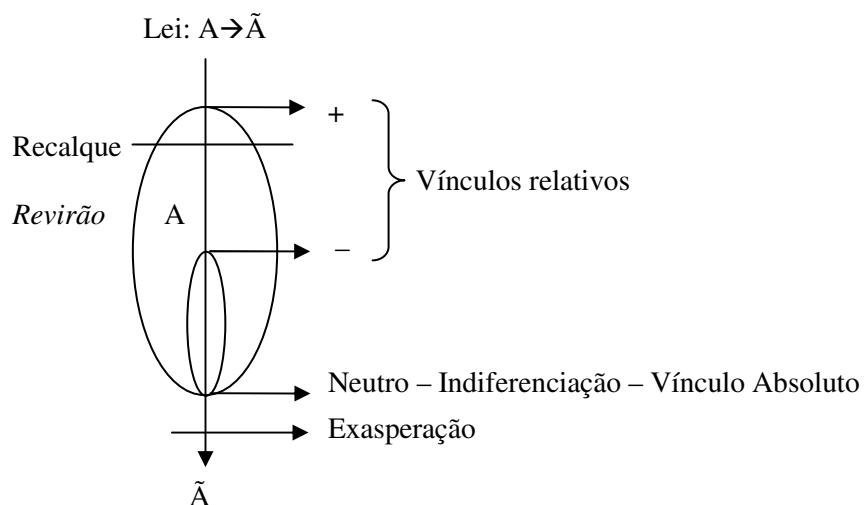
¹¹ Há um fundamento protético para a emergência de qualquer oposição. Assim, “no jogo opositivo da tese com sua antítese, não se trata de formular nenhuma síntese. Pode-se, sim, formular um salto quantitativo ou qualitativo por cima da oposição”. É uma *Prótese* “nos dois sentidos: como anterioridade tética de uma tese em relação com sua antítese; e como um postíço, uma fatura, um artifício do Haver” ([1991]: 139). Recupera-se das idéias freudianas de *Bejahung* (afirmação anterior a qualquer (de)negação), de sentido opositivo das palavras primitivas, e de *Unheimliche* (estranho e familiar), por exemplo, a “base protética de cada movimentação dialética entre opostos que se nos apresentam na vida e no pensamento” (p. 144). Daí, então, afirmar-se que o específico do humano é a possibilidade de reviramento e que tudo que seja por ele tocado é situável no nível do pró-tético ([1992]: 102).

¹² Conforme referido, por exemplo, em Badiou, 1989: 12.

2. Revirão e recalque: avessamento e resistência

O Revirão é operativo em tudo que há, mas o humano, diferentemente dos outros vivos, é a única formação conhecida a portá-lo em sua corporeidade. Para ele, o avesso de tudo que se apresenta também é pensável (e mesmo exigível): noite / luz elétrica, ausência de asas / avião... É esta a essência do desejo que o habita, a qual pode ser detectada no decorrer da história em depoimentos de poetas e místicos, em invenções científicas e artísticas, em idéias como a de “eterno retorno”, etc.

Para efeitos didáticos, desenha-se o Revirão e suas operações segundo o percurso longitudinal mediano – denominado “oito interior” pelos matemáticos – sobre a superfície topológica unilátera chamada banda, cinta ou fita de Moebius ([1999]: 37-80). Neste percurso, passa-se *em continuidade* da posição (+) de determinado ponto a seu avesso (-) e é possível mostrar: as posições opostas, as diferenças (+/-); o ponto neutro, no qual ocorre a in-diferenciação dos opostos e a passagem de um a outro; e a Diferença última (requerida, porém impossível de ser transposta) entre tudo que há (A) e o não-Haver almejado (\tilde{A}).



Pensar tudo como *formação* implica também considerar o *Recalque* que sustenta a existência de qualquer formação. Recalque este que jamais é definitivo, mas que momentaneamente¹³ exclui a manifestação de formações opostas às que estão em vigor e, junto, paralisa o processo de avessamento. Portanto, toda formação se apresenta como

¹³ O que pode significar milênios, dado o investimento necessário à sua suspensão. Por exemplo, suspensão do imperativo recalcente da lei da gravidade com a teoria da relatividade, ou dos dois mil anos de dominância do cristianismo no Ocidente com a difusão da tecnologia e seus efeitos sobre o entendimento dos processos biológicos e mentais...

recalcante ou recalcada no campo das possibilidades de manifestação. Por isso, mesmo que as rebeliões (sociais, científicas ou outras) no decorrer da história instaurem novas formações, não têm como evitar que, uma vez em vigor, estas se tornem recalcantes de outras tidas como ameaça à sua configuração.

Vimos, então: o conceito fundamental de Pulsão (que não mais precisa ser chamada ‘de morte) e sua Lei; a impossibilidade de passagem a não-Haver; a conseqüente operação do Revirão e o processo de indiferenciação; e a idéia de Formações do Haver como resistências, como resultantes de recalques ao movimento pulsional.

3. Teoria dos vínculos: o Vínculo Absoluto

Em seqüência ao que foi dito sobre a inevitável condenação ao Haver, acrescente-se que é dentro desta condenação que se produzem e ocorrem os vínculos, nossos e de tudo que há. Se considerarmos que tudo que comparece no campo do Haver força à vinculação¹⁴, como supõe outro conceito freudiano importante, o de transferência (*Übertragung*), é possível entender que são *relativos* os vínculos produzidos no âmbito das oposições (+/-, no desenho acima) presentes nas rotinas do mundo (amor / ódio, por exemplo). São vínculos demasiado dependentes das formações primárias (naturais, biológicas) e secundárias (culturais, simbólicas), as quais sempre se mostram reativas a qualquer tentativa de transformação, sem entretanto conseguir impedir a constante oscilação de um pólo a outro (amor passar a ódio e vice-versa, p. ex.).

Mas há um tipo de vínculo que não é relativo, um vínculo originário, chamado *Vínculo Absoluto*, no qual ocorre a suspensão das oposições, ou seja, a possibilidade de *indiferenciação*¹⁵ que os humanos portam como distinção para com os demais vivos ([1993]: 9). Todos se vinculam absolutamente a esse lugar *neutro* (cf. desenho), e não entre si. Nele, a referência é à Lei pulsional e qualquer conteúdo se relativiza necessariamente, pois a única diferença que importa aí é aquela intransponível entre Haver e não-Haver (A/Ã). A enorme massa dos recalques que caracteriza o cotidiano dos vínculos relativos é que impede nossa referência indiferenciante de ser operativa

¹⁴ A tudo que há ou que venha a haver só é dada a possibilidade de haver vincularmente.

¹⁵ Cf. nota 9 acima.

com mais freqüência, e, portanto, que a força da pressão (e de opressão, sobretudo) desses vínculos seja modulada (com possibilidades de ser minorada) pelo vigor do Vínculo Absoluto.

Entende-se que tudo que há se expressa em função da disponibilidade de vinculação existente em três mega-registros do Haver¹⁶: Primário, Secundário e Originário. Cada um deles portador de um tipo de recalque e com sua vinculação específica: vínculos relativos (primários e secundários) e o Vínculo Absoluto (originário). Este, como visto acima, está a maior parte do tempo submerso na massa dos recalques dos registros primário e secundário, mas nem por isso deixa de estar permanentemente disponível nas *Transas*¹⁷ das formações como possibilidade de destacar a vinculação indiferenciante. Para aquém desta vinculação absoluta (desconteudizante e desprendida de qualquer formação ‘interna’ do Haver), é praticamente impossível uma vinculação que não tenha características secundárias.

No registro secundário – nível da anotação, da referência transcritiva do que há disponível como formação “natural” –, o diálogo é reconhecível nas transas linguageiras ou de qualquer tipo de força passível de ser transcrita em algum código. Pode-se discutir infinitamente a respeito de grandes complexidades de oposições e eventualmente estabelecer suspensões no sentido da indiferenciação dessas oposições, mas a própria suspensão aí estabelecida acaba se configurando como situação – *i.e.*, como resistência – no Haver.

No registro primário, as formações não operam na disponibilidade pontual do Revirão. Aí, as oposições são preponderantes e apenas raramente, ou com custo muito alto, têm oportunidade de estabelecer novas conexões. As formações primárias – *autossomáticas* (suas corporeidades) e *etossomáticas* (comportamentos aderidos a esses corpos¹⁸) – são muito fechadas, algo precisa *agredi-las*, rompê-las para que deixem um

¹⁶ Embora diferentes, não são registros heterogêneos. No humano, por exemplo, as formações primárias estão de tal modo imbricadas às secundárias que se torna difícil estabelecer onde começam umas e terminam outras. Daí a diferença natureza/cultura, necessária ao estruturalismo, perder sua suposta nitidez.

¹⁷ Define-se como *Transas das Formações* o que ocorre entre as formações e suas consequentes resultantes. O termo *transa* é adequado ao contexto das formações, pois, além de incluir suas transações, transiências e transformações, também supõe um ineliminável transe transferencial aí em jogo.

¹⁸ Cf. (Lorenz [1965]: 9-10): “...padrões comportamentais são características tão confiáveis e conservadas nas espécies quanto as formas dos ossos, dos dentes, ou de qualquer outra estrutura corporal. [...] A persistência conservativa de padrões comportamentais, mesmo depois de sobreviverem na evolução de uma espécie à sua função original, é exatamente a mesma dos órgãos. [...] Admitir que padrões comportamentais têm evolução exatamente igual à dos órgãos leva ao reconhecimento de outro fato: eles também têm o mesmo tipo de transmissão hereditária”.

lugar neutro momentaneamente disponível. O registro primário é onde as *próteses*, para serem efetivas, têm custo elevado. Inventar vacina, remédio, por exemplo, furar a barreira de determinada formação fechada sempre exige um modo de agressão capaz de criar um lugar terceiro de conjugação entre as formações. Então, se, por um lado, os vínculos primários são muito fortes, por outro, são freqüentemente vínculos de exclusão de tudo que não pertence ao campo de sua própria formação, de sua própria vinculação.

Temos, então, uma vinculação superior, absoluta, originária; e dois modos de vinculação secundária: a vinculação secundária própria (suspensão das oposições propiciadora das criações e invenções) e a de baixa extração, reificante (vinculação neo-etológica¹⁹), que imita o etológico do registro primário. Neste registro primário, por sua vez, temos as vinculações em estado bruto, que são etológicas propriamente ditas e autossomáticas. Esquematizando:

- *Vinculações relativas:*

1) Vínculos primários: resultantes das inscrições já existentes nos corpos biológicos (autossoma e etossoma) e na chamada “natureza” e suas supostas regularidades.

2) Vínculos secundários: uma vez que o regime originário está inscrito de saída no humano, surgem vínculos que repetem o que ocorre no regime primário, mas baseados em fixações operadas simbolicamente, metaoricamente. Eles podem resultar em criação de próteses, mas facilmente se transformam em neo-etologia paralisante dos movimentos inventivos por serem vínculos relativos às conteudizações promovidas pelos elementos mínimos dessas fixações, as quais forçam (não sua transformação, mas) sua repetição incessante.

- *Vinculação absoluta:*

3) Vínculo Absoluto: a presença do Revirão vincula todos da espécie humana ao fato de serem vinculares, *i.e.*, a estarem vinculados à relação entre a possibilidade de indiferenciação dos vínculos relativos e a exasperação desta indiferenciação diante do ponto de não-atingimento da extinção (denominada “não-Haver”) buscada pelo movimento pulsional.

¹⁹ Vinculações nacionais ou religiosas baseadas em etnia, por exemplo.

4. Gnômica: do conhecimento ao conhecimento

Vamos agora a algumas noções e idéias da Gnômica ([1991, v.I]: 96, e [2000/2001]: 59-95), teoria criada pela Nova Psicanálise para investigar as condições e desempenhos da produção do conhecimento (científico ou outro) no sentido de mapear acontecimentos, pensamentos e coisas – *i.e.*, as formações –, suas relações, jogos, transformações, encaixes e resultantes. Ela nos interessa, pois seu modo de operação é a *Transformática* ([1996]: 391 e [1998]), que se propõe como uma teoria da comunicação e busca descrever, acompanhar e intervir nos processos de coleta e arquivamento das relações e transposições entre as formações.

A Gnômica reduz toda e qualquer havência (material ou imaterial) a Formações do Haver a serem consideradas segundo os diversos níveis possíveis de abordagem. Postulado, então, que tudo que há são formações, as quais emergem numa rede considerada infinita, toma-se *o que quer que se expresse como sendo da ordem do conhecimento* – restando aferir seu nível de adequação a quê, quando, onde e como. Trata-se de uma abordagem não-interpretativa²⁰ dos fatos, já que ler uma situação e interpretá-la pertencem ao mesmo campo da cultura, sendo apenas a hermenêutica regional do cotidiano. Para a Gnômica, ao contrário, como supõe que tudo ocorre em meio a um artificialismo total (Silveira Jr., 2006), visa-se buscar a *Arte* (no sentido de articulação e artifício) mediante a qual se produzam entendimentos abrangentes sobre as formações do Haver como fatos que são, e seja possível induzir fatos novos, próteses transformadoras ([1990, v.II]: 170). Daí, ao contrário do lema nietzscheano, afirmar-se que *só há fatos, não há interpretações* ([1995]: 238).

Como o termo *transa* engloba não só a idéia transação, mas igualmente as de transe e transiência das formações, afirma-se também que não há necessidade de pensar em sujeito ou objeto aí. Pode-se pensar, sim, em redes de interfaces, em formações interativas ([1995]: 191-209), de cuja pura e simples conectividade (vincularidade) resultam conhecimentos. Uma idéia de fundo importante da teoria é a de considerar o campo de emergência das formações como homogêneo. Nele, constantemente ocorre a passagem de uma situação a outra e o que há é sempre a mesma coisa comparecendo como formações diferentes ([2005]: 138). É só a força de resistência que dá a idéia de

²⁰ Cf. item 1 acima.

haver uma diferença ou uma fronteira intransponível entre as formações²¹, mas não há nada por baixo (sub-jetivo) ou diante (ob-jetivo) de uma formação. São formações umas ao lado (ad-jetivo) das outras em transa permanente, com maior ou menor transitividade.

5. O grande plano

A consequência é, pois, operarmos o tempo todo num campo, como dito acima, tomado como homogêneo e segundo o jogo de formações adjetivas. Trata-se de um campo geral dos conhecimentos que é “homogêneo do ponto de vista de sua elementaridade, de sua constituição formal”, no qual não cabem oposições do tipo dentro / fora, sujeito / objeto, consciente / inconsciente, feminino / masculino, ou fronteiras entre campos de conhecimento. O que interessa é “imaginar e designar distintamente, nesse campo homogêneo, o que chamamos de *pólos* ou *atratores*”. Recusar fronteiras “não significa que ali não haja diferença, pois o princípio de diferença não elimina o princípio de homogeneidade das diferenças no campo já estilhaçado, fractalizado, do Haver, dada a impossibilidade de passar a não-Haver”. Os pólos acontecem, “são atratores de determinadas formações do Haver e constituem macroformações ao seu redor, criando campos de atração em torno deles” ([1996]: 105).

Podemos, então, pensar em campos chamados arte, filosofia, ciência, religião ou psicanálise. No caso deste último, é um campo que se especifica por organizar-se em torno do pólo chamado Revirão, o qual se caracteriza por funcionar segundo o processo de indiferenciação. Então, para situar a questão da produção do conhecimento e apontar um modo que estimamos produtivo para o pensamento sobre a comunicação, buscamos exemplarmente apresentar esse modelo que explicita que a psicanálise não é arte, filosofia, ciência ou religião e nem se preocupa em ser, pois o que lhe cabe é impor-se como campo gravitacional do que ocorre em torno do atrator definido como Revirão. E

²¹ Isto não significa que haja tradutibilidade entre elas. Caso contrário, recairíamos na idéia de interpretação. Aliás, o mais freqüente é a desconfiança de uma formação em relação a outra, tanto no caso do humano quanto do não-humano. É o que a experiência psicanalítica não se cansa de constatar no psiquismo, que uma formação não conversa francamente com outra. Dada essa desconfiança, a suposição é de haver uma *paranóia* intrínseca às formações, a qual paranóia é extensiva ao conhecimento resultante de suas transas. Não se trata necessariamente de psicose paranóica, mas da paranóia fundamentada no simples fato de haver existência, ou seja, formações (resistências, sintomas).

mais, no campo que assim toma forma, ela pode reconhecer nos diversos outros campos uma perene recorrência do processo de Revirão²².

Isto justamente possibilita à psicanálise lançar mão do que se produz nos outros campos, mas o tratamento que dará a estas produções será específico de seu campo (cuja tarefa é a produção múltipla do Revirão, que é seu pólo). Dito de outro modo, a tarefa precípua de sua prática é desfazer recalques que estejam impedindo a operação do Revirão, e, para tanto, pode se utilizar do que quer que haja (produções artísticas, filosóficas, científicas...) segundo o protocolo do mesmo Revirão.

Em suma, a idéia que importa ressaltar é de que há um *grande plano* com pólos de atração, ao redor dos quais criam-se campos, com zonas de interferência que se formam em torno dos pólos. E

não se sabe de antemão com que força, ou com que conteúdo, as zonas se organizam. Sabemos que, a partir de certo encaminhamento, com centro num dos pólos, para o campo ao seu redor, já [ocorrem] misturas mais ou menos saturadas com os pólos circunjacentes, e mesmo com pólos mais distantes, pois nada impede que cada campo de atração de cada pólo seja infinitamente grande ([1996]: 106).

O que há, então, a fazer é inquirir qualquer construção teórica sobre qual pólo constitui seu campo de gravitação e que influências e interferências sofre de outros pólos, por mais distantes que estejam. Por aí, possibilita-se “constituir um vasto *campo gnoseológico* de observação sempre movente [...] da ocorrência discursiva universal” (*id.*, pág. 107).

6. Do conhecimento ao conhecimento

A Gnômica é uma *teoria polar* do conhecimento. Para ela, tudo que há é uma imensa rede de emergências, na qual se constituem pólos (com uma região focal e uma infinita região franjal), e ocorrem transas entre formações independentemente das focalizações e recortes discursivamente produzidos. Ela *considera qualquer formação como conhecimento*, o que implica uma pragmática que sempre parte do próprio

²² Por exemplo, na *arte*, o que Marcel Duchamp traz como *readymade*, cuja escolha se baseia na “ausência total de bom ou mau gosto”, *i.e.*, na “indiferença visual” (Cabanne [1966]: 84); na *filosofia*, as mutações chamadas de corte epistemológico por Gaston Bachelard, ou de novo paradigma por Thomas Khun; na *ciência*, propostas como a dos quanta, por Max Planck, que regionalizam as leis da mecânica newtoniana; na *religião*, o advento do cristianismo no seio do judaísmo, e, atualmente, a queda da referência ao nome do pai, que, por sua vez, coloca em crise os fundamentos do cristianismo, etc.

conhecimento em sua tentativa de pensar o conhecimento ([2008]). Observe-se que, além de considerar qualquer manifestação como da ordem do conhecimento, tampouco é trivial postular que qualquer formação seja conhecimento, independentemente da intervenção humana. Retira-se, assim, a exclusão usual²³ que toma como conhecimento apenas o que é produzido em campos ditos científicos ou assemelhados. Ao contrário, o interesse é dirigido a tudo que se manifesta ou pode manifestar-se por tomá-lo como conhecimento anotado, ou seja, como informação. Uma manifestação dita natural (o surgimento de uma planta, por exemplo) ou o dito de um louco não é menos conhecimento do que uma fórmula produzida por um cientista, cabendo apenas estabelecer o nível e a adequação às situações em que se inserem.

É, portanto, um projeto com ampla vocação inclusiva. Ele tem condições de posicionar-se assim, pois a consideração que propõe coloca tudo sob o vigor da possibilidade de hiperdeterminação referida na nota 9 acima. Sobretudo, é um projeto que se quer apto a instrumentar políticas *ad hoc*, que são aquelas necessárias para dar conta das situações de nodulação inesperada, dispersão e fluidez dos acontecimentos de nossa contemporaneidade, os quais não mais aceitam os procedimentos de classificação e exclusão (social, política, econômica, teórica, mental...) que puderam mostrar eficácia de entendimentos até o século passado.

Entender o grande plano assim constituído é importante para nós, pois a pergunta que então se delineia é: se há um campo que pode ser chamado comunicação, em torno de que polo está situado? Isto parece-nos encaminhar de outro modo pontos de impasse que vemos levantados pelos pesquisadores da área. Por exemplo, quando se quer situar o campo no âmbito de uma “transdisciplinaridade”, que colocaria

a necessidade de transbordar as disciplinas para um tipo de conhecimento capaz de dar conta tanto da multidimensionalidade dos problemas de sociedade, como também de começar a pensar a partir do mundo produzindo saberes de caráter atópicos, cujo lugar é o ‘sem lugar’ já que não temos neste momento forma de situá-los em nenhuma das disciplinas (Lopes [2007]: 14).

Ou então, quando, segundo “um projeto mais ético do que epistemológico”, busca-se enquadrá-lo numa “ciência que vá muito além do sujeito e fique aquém do objeto”, entendendo-se ciência “como interpretatividade de um processo comunicativo numa relação transdisciplinar” (Ferrara, 2003: 64). Por que não deixar de lado as idéias de

²³ Exclusão que há, por exemplo, na distinção grega entre opinião (*doxa*) e conhecimento (*episteme*). Não se trata aqui de dizer que sejam o mesmo, e sim que ambos são conhecimento de algum nível correspondente a algum Haver, o qual nível pode ser aferido de algum modo.

disciplina e interpretação – aliás, já bastante criticadas por muitos – e pensar em pólos e campos de atração?

Não é o objetivo aqui delimitar um “campo da comunicação”, ou mesmo pensar “a fundamentação de um saber comunicacional” (Martino, 2003: 71), e sim pesquisar sobre o que possa se configurar como teoria genérica da comunicação. É, pois, no intuito de entender o processo da comunicação e visualizar uma teoria da comunicação mais abstrata possível que temos explorado a hipótese de uma teoria geral dos vínculos como garantia da eficácia analítico-descritiva da teoria da comunicação. Hipótese que se desenvolve no âmbito do que foi apresentado como modo de operação da Gnômica, a Transformática, sobretudo aplicando a idéia de hiperdeterminação, que, como esperamos ter mostrado, não consta de outros projetos de abordagem da produção do conhecimento, mas que se coloca pela via pulsional.

Como dissemos, a Transformática se propõe como teoria psicanalítica da comunicação e se justifica também pelo fato de nosso século já ter abandonado qualquer sonho de conhecimento purificado e superior. Isto ocorreu não por efeito de alguma “ambivalência”, que “é, provavelmente, a mais genuína preocupação e cuidado da era moderna, uma vez que (...) ela cresce em força a cada sucesso dos poderes modernos” (Bauman [1991]: 23), e sim do que – mais próximos do que diz L. Trilling sobre a modernidade “apresentar oscilações de significado até voltar para a direção oposta” (*apud* Harvey [1989]: 21) – queremos melhor chamar de processos de in-diferenciação dos acontecimentos, que vêm ocorrendo e se proliferando incontroladamente ao nosso redor.

Para finalizar e endereçar a via do presente projeto de pesquisa, registre-se que a tarefa é de reparar

em cada formação, de qualquer nível e com suas infinitas possibilidades de trans-ação – e aí talvez possamos reparar, ocasião por ocasião, formação a formação, nossos saberes sempre provisórios, porém jamais de se jogarem fora, segundo uma *pragmática* eficiente porque radical [...] que pode resultar [...] não em ciência, filosofia, ou religião, mas na *arte total* de uma *transformática* final. Quem sabe não é este o conceito acabado de *comunicação*? ([1997]).

Referências

BADIOU, Alain. **Manifeste pour la Philosophie**. Paris: Seuil, 1989.

